

**ANÁLISE CONTRASTIVA
ENTRE OS TEMPOS PRESENTE DO MODO INDICATIVO
DAS LÍNGUAS PORTUGUESA E INGLESA**

Sonia Maria de Fonseca Souza (UNIFSJ)

sonifon1@hotmail.com

Elizângela Frangilo Tiradentes (UNIFSJ)

Giani Fernandes Ferreira (UNIFSJ)

Vyvian França Souza Gomes Muniz (UNIFSJ)

RESUMO

Sendo o inglês um idioma global, é importante saber como funciona e se dá a conjugação dos tempos verbais para melhor ser empregado o uso no seu vínculo geral. Este estudo tem como objetivo analisar as similaridades e diferenças entre os tempos presente do modo indicativo das línguas portuguesa e inglesa e sua utilidade para o processo de ensino/aprendizagem da língua inglesa, bem como explicar a análise contrastiva dentro do contexto da linguística aplicada, uma vez que entende-se que a análise contrastiva, além de estabelecer correspondências estruturais ou formais entre línguas, pode ser utilizada na explicação das diferentes realizações estruturais de sistemas comuns a ela. Sabe-se que tanto no sistema verbal da língua inglesa quanto da língua portuguesa, as formas verbais indicam relações temporais e de aspecto, daí a relevância de se compreender o processo de aprendizagem e uso dos verbos do presente a partir da análise contrastiva. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de base qualitativa, considerando as contribuições de teóricos cujas obras são pertinentes ao foco deste estudo. Conclui-se, portanto, que o estudo das diferenças e semelhanças confirma que o tempo presente do indicativo no inglês e o presente do indicativo em português estão relacionados com a indicação do aspecto, bem como a relação temporal das formas verbais não difere em nenhum dos casos. Vale ressaltar que a análise contrastiva pode ser de grande valia, uma vez que contribui para esclarecer as dificuldades que os diferentes tipos de tempo presente em inglês podem trazer para o aprendiz. Além disso, este estudo proporciona subsídios a professores e alunos para entenderem como acontecem os equívocos em direção ao uso da língua-alvo.

Palavras-chave: Análise Contrastiva. Modo do Indicativo. Língua Inglesa.

1. Introdução

A educação é um processo de análise. Sabe-se que análise estabelece relações linguísticas tanto de correspondência estrutural quanto formal. Usa-se assim, a análise para explicar as diferenças e similaridades sobre o assunto em destaque. Neste artigo, busca-se saber como se dão as diferenças existentes entre as línguas inglesa e portuguesa e suas particularidades nas quais os aprendizes de ambas as línguas possam entender o processo e analisar a gramática de cada língua, dando um salto à frente

de seu ensino/aprendizado.

Diversas são as diferenças que merecem ser observadas pelos estudantes de língua inglesa. As estruturas acerca de ambas as línguas podem mudar a maneira de se trabalhar ou entender o processo de cada tempo. Ao desenrolar do artigo pode-se perceber quais e como serão abordadas as variedades dos tempos presente do modo indicativo em ambas as línguas.

Para que estas abordagens sejam realizadas de maneira esclarecedora, é necessário apresentar em primeiro lugar a definição de análise contrastiva, juntamente com o conceito de tempo e aspecto. Outro aspecto também abordado em nossa pesquisa é o uso dos tempos: presente simples, presente contínuo e presente perfeito.

A presente pesquisa se justifica devido a importância de se conhecer os tempos presentes do modo indicativo das línguas portuguesa e inglesa como um processo de ensino e de comparações entre um tempo verbal e outro. Sendo a língua estrangeira uma língua global, é importante saber como funciona e se dá a conjugação dos tempos verbais para melhor ser empregado o uso no seu vínculo geral. E, para alcançar o objetivo proposto, utilizou-se como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, realizada a partir da análise pormenorizada de materiais já publicados na literatura, em artigos científicos, livros e também materiais divulgados no meio eletrônico.

Portanto, é relevante o estudo da análise contrastiva entre os tempos presente do modo indicativo para melhor entendimento tanto dos docentes quanto dos discentes, para que se possa, assim, obter uma nova visão sobre a gramática/língua e aprimorar os conhecimentos já adquiridos ao longo do processo ensino/aprendizado, tornando conhecimento de uma nova língua mais acessível.

2. Análise contrastiva

A análise contrastiva é uma parte de disciplina que é bem conhecida na linguística aplicada que para Carl James (1998, p. 99) “é um ramo da linguística geral e um princípio da linguística aplicada”. De acordo com David Nunan (2001) é designada a estudos comparativos levando em consideração as semelhanças e diferenças entre línguas. A análise contrastiva estabelece a correspondência estrutural e a formal entre as línguas e pode ser usada para a explicação semântica de diferentes estru-

turas do sistema comum. Ela é muito usada no processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira como propósito principal de tentar entender (junto com a psicolinguística) o processo de aprendizagem de uma nova língua.

Muitos estudos surgiram com a preocupação primordial de uma aplicação pedagógica e estavam alicerçados na crença de que a língua materna do aprendiz (L1) exercia grande influência no processo de aprendizagem de uma segunda língua (L2). A Análise Contrastiva surgiu, então, por volta da década de 50 com o objetivo de estipular uma metodologia que prevenisse os erros de produção que eram cometidos pelos aprendizes da língua estrangeira por meio de sua predição. (ALVAREZ, 2002)

Para Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão (2004), após atingir o seu auge, na década de 60, o modelo de análise contrastiva foi duramente debatido por considerar os erros produzidos na língua estrangeira como frutos exclusivos de problemas de interferência entre línguas. Já em meados da década de 70, começou a sofrer críticas. A nova versão da análise contrastiva, também chamada de análise de erros, não compreender de forma negativa as interferências da língua materna do aprendiz na língua estrangeira a ser aprendida, pois entende que elas são mecanismos cognitivos postos em ação pela mente humana como primeiro passo para a aquisição de uma língua. As interferências e os erros de produção na língua estrangeira passam a ser entendidos como parte de um período transitório do processo de aprendizagem chamado interlíngua. O plano, portanto, não é mais a de evitar que os equívocos ocorram, mas sim examinar como e porque motivos acontecem e, a partir daí, proporcionar subsídios a professores, alunos, desenvolvedores de materiais didáticos etc., para que a interlíngua dos aprendizes e os equívocos que naturalmente acontecem nesta etapa venham evoluir em direção ao uso da língua-alvo propriamente.

Em consequência da perspectiva behaviorista (o comportamento como objeto de estudo) de que a conquista da língua materna se faz através da formação de hábitos, levando em conta as semelhanças e diferenças entre línguas, a necessidade de compreender e superar as dificuldades que ocorrem durante o processo de aprendizagem de uma língua não materna fez surgir, nas décadas de 50 e 60, estudos de análise contrastiva, cujos pressupostos proporcionam a possibilidade de prever e evitar os erros durante o processo de ensino/aprendizagem. A análise contrastiva aplica à língua materna a principal causa do insucesso no desenvolvimen-

to linguístico do aluno, com base no pressuposto de que os hábitos na língua nativa sugestionam a criação de novos hábitos na língua não materna. É utilizado o termo *language transfer* (transferência linguística) para eleger a transferência de elementos linguísticos característicos de uma língua no uso de outra. Esta relação entre ambos os sistemas linguísticos pode designar uma transferência negativa ou positiva de conhecimentos análogos à diferença ou semelhança das duas estruturas linguísticas. (ALVAREZ, 2002)

Dessa forma quando o aluno se defronta com estruturas semelhantes em ambas as línguas, o processo de aquisição/aprendizagem pode ser facilitado por meio de transferências positivas de conhecimentos. De outro modo, quando as estruturas linguísticas de ambas as línguas demonstram características diferentes, pode intercorrer uma transferência negativa que influenciará de forma adversa a aprendizagem. A análise contrastiva não suportou por não conseguir explicar o fato de alguns erros que previam que acontecessem nunca chegarem a acontecer.

Portanto, buscar alternativas que ajudem a entender a origem das dificuldades apresentadas pelos aprendizes tornou-se urgente, para que seja possível superá-las. Mesmo com as críticas, o professor de línguas estrangeiras deve ter conhecimento de análise contrastiva para ajudar seus alunos na aquisição da língua estrangeira; para saber o motivo pelo qual seu aluno possui certas dificuldades na aquisição de determinados fonemas, estruturas sintáticas; para a formulação e reformulação dos currículos e planos de curso.

3. *Tempo e aspecto*

Antes de mencionar sobre a distinção entre as categorias de tempo e aspecto, é necessário destacar neste trabalho outra distinção entre a língua portuguesa e a inglesa no que diz respeito à terminologia empregada para tratar especificamente da categoria tempo. Ao contrário da língua portuguesa, a língua inglesa usa duas palavras diferentes para se reportar a tempo, ou seja, *time* — quando se refere ao tempo lógico, real objetivo, extralinguístico — e *tense* — quando se refere do tempo morfológico, gramatical. Michael Lewis (1986, p. 47) distingue uma diferenciação entre tempo (*time*) e tempo verbal (*tense*), salientando que tempo é a noção que o falante tem da realidade, enquanto tempo verbal é somente um termo técnico, “uma ideia puramente gramatical”. Mesmo que saibamos que o tempo gramatical se relaciona com o tempo lógico, sabe-se tam-

bém que — tanto no português como no inglês — nem sempre esta relação é direta, o que significa dizer que nem sempre há uma coincidência exata entre os dois tempos. Michael Lewis (1986, p. 47) demonstra por meio de algumas sentenças exemplificadas abaixo que nem sempre os tempos verbais presente ou passado (*present tense or past tense*) se referem à realização de ações no tempo presente ou passado (aqui entendido como curso de tempo):

(1) *I speak quite good French.* → refere-se ao tempo em geral, não ao tempo presente. (2) *We leave at 4 o'clock tomorrow.* → tempo verbal presente para se referir à ação no futuro.

(3) *Would you mind if I opened the window?* → tempo verbal passado para se referir à ação no presente ou futuro. (4) *Have you ever been there before?* → ação referida no passado sem a utilização de tempo verbal passado.

Vale ressaltar também Luiz Antônio Sacconi (1994, p. 231) no qual apresenta usos de tempos verbais em português que não estão associados de modo direto à noção do tempo físico, mas que recebe a mesma denominação:

(1) Cabral *encontra* o Brasil, e Pero Vaz de Caminha *escreve* imediatamente uma carta ao rei de Portugal. → tempo verbal presente empregado pelo pretérito perfeito do indicativo em narrações, para tornar mais vivos e atuais fatos do passado (recurso estilístico).

(2) *Vou* amanhã a Brasília. → presente empregado pelo futuro do presente. Aqui é necessário que esteja explícito na frase pelo menos um elemento que dê a ideia de tempo futuro (no exemplo citado o advérbio *amanhã* exerce essa função).

Não obstante as categorias de tempo e aspecto de alguma maneira estejam relacionadas, cabe aqui uma breve distinção entre elas. Há muito se argumenta sobre a noção de aspecto verbal, porém está longe de se obter um consenso entre os pesquisadores da área, devido a tal fato, encontramos um grande crescimento de definições.

Contudo, antes disso é interessante abordarmos o termo “tempo”. Aspecto e “tempo” são

categorias temporais no sentido de que têm por base referencial o tempo físico. Entretanto, se distinguem do ponto de vista semântico, sobretudo a partir da concepção do chamado tempo interno (aspecto) que é diferente do tempo externo (tempo). (COSTA, 2002, p. 19)

Bernard Comrie (1976, p. 1 e 2) salienta que a categoria tempo (*tense*) “relaciona o tempo da ação verbal à qual se faz referência a algum outro tempo, geralmente ao momento da fala”. Assim, presente,

passado e futuro são os tempos verbais comumente encontrados nas línguas, apesar de existirem algumas línguas que não fazem a distinção desses tempos, ou até mesmo nenhuma distinção de tempo.

Por conseguinte, tempo presente é aquele que retrata uma ação que está localizada num momento simultâneo ao momento da fala como, por exemplo, “A Lúcia está lendo um livro”. Ao mesmo tempo em que o passado localiza a ação num momento anterior ao momento da fala (p. ex.: A Lúcia leu um livro. / A Lúcia estava lendo um livro.). E, finalmente o futuro localiza a ação num momento posterior ao momento da fala (p. ex.: A Maria lerá/irá ler/vai ler um livro.). Bernard Comrie (1976) complementa acrescentando à definição de tempo, ao fato de esta categoria localizar a ação em relação ao momento da fala, sendo ela é uma categoria dêitica. Ataliba Teixeira de Castilho (2002, p. 82) destaca que a categoria de tempo:

O tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida pela situação de fala. É assim que se podem representar a anterioridade, a simultaneidade e a posterioridade. O tempo também depende da noção de intervalo ou de duração entre um ponto e outro. Por outras palavras, o tempo pressupõe o aspecto, mas este não pressupõe aquele.

A categoria de tempo nos possibilita situar o instante de ocorrência de um contexto como sendo anterior simultâneo ou posterior ao momento da enunciação. Dessa forma, tempo “é uma categoria dêitica, pois indica o momento da situação relativamente à situação de enunciação”. (TRAVAGLIA, 1981, p. 32)

Já o aspecto, não relaciona uma situação ao momento da fala, ou seja, não é dêitico, ele traz referências sobre a situação em si, ou, como Bernard Comrie (1976) define, “o aspecto são diferentes maneiras de se ver a constituição temporal interna de uma situação”. No sentido de corroborar esta definição Ataliba Teixeira de Castilho (1968, p. 14) sublinha que “o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração e desenvolvimento. É a representação espacial do processo”. Ataliba Teixeira de Castilho (2002) em outro artigo ressalta que “na fase de aquisição da linguagem, primeiro vem o aspecto, como categoria primitiva, e depois o tempo, como categoria derivada”.

Assim sendo, a noção de aspecto refere-se à estrutura temporal interna de uma situação, em que se trata de análise de fala, percorrendo ao entorno temporal do contexto comunicativo/situacional para estabelecer a leitura de aspecto.

Para Sandra Chung e Alan Timberlake (1985), o aspecto “caracteriza a relação de um predicado com o intervalo temporal através do qual esse predicado ocorre”. Já para Randolph Quirk e Sidney Greenbaum (1973, p. 53) aspecto diz respeito à “maneira pela qual a ação verbal é vivida ou vista como, por exemplo, completada ou em progresso”. Michael Lewis (1986, p. 51), define aspecto como “uma forma verbal que envolve o uso de um verbo auxiliar que permite ao falante interpretar os elementos temporais de um evento”.

De acordo com as categorias de aspecto e tempo, o fato de que estão de alguma forma associadas, observa-se que o tempo faz menção “à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo”. (BECHARA, 2015, p. 213)

4. *Uso dos tempos*

Os tempos do presente em língua inglesa referem-se ao: presente simples, o presente progressivo ou contínuo, o presente perfeito e o presente perfeito progressivo ou contínuo. Já em português, os tempos são divididos em dois grupos: os tempos simples e os compostos. Vale mencionar que existem dois tempos do presente simples: o presente do indicativo e o presente do subjuntivo. A forma equivalente ao presente perfeito, no inglês, pertence ao grupo dos tempos compostos, é o pretérito perfeito composto no qual é formado com o tempo presente do verbo auxiliar “ter” mais o particípio passado do verbo principal, como por exemplo, “tenho estudado”.

Os outros dois tempos presentes da língua inglesa não têm em português. Eles são tratados como locuções verbais usados para indicar duração que correspondem ao presente progressivo ou contínuo que é formado com o verbo auxiliar “be” mais o gerúndio do verbo principal como, por exemplo, “estou estudando”. Outro caso é o que é formado pelo tempo presente do auxiliar do verbo “ter” mais o particípio passado do verbo auxiliar “estar” mais o gerúndio do verbo principal, por exemplo, “tenho estado estudando” que é a forma equivalente do presente perfeito progressivo/contínuo.

4.1. Simple present

Embora se contrastando as diferenças nas estruturas, é importante esclarecer algumas similaridades sobre a forma verbal no presente nas duas línguas (inglês/português). O tempo verbal *simple present* é usado de forma atemporal, expressando:

1. Uma ação habitual:

Ex: *I always write with a special pen.* (Eu sempre escrevo com uma caneta especial.)

Neste caso, esta construção não informa se a ação está sendo praticada no presente ou não. Caso o locutor deseje especificar se a ação está ocorrendo no presente, deve-se adicionar uma outra oração no *present continuous*.

Ex.: *I always write with a special pen, like I'm doing now.* (Eu sempre escrevo com uma caneta especial, como estou fazendo agora.)

2. O presente atemporal também é usado para sentenças universais como:

Ex.: *The sun sets in the West.* (O sol se põe no oeste.)

3. Para uma sentença geral ou provérbio nos quais nenhum tempo particular é exercido como:

The Earth moves around the sun. (A terra gira em torno do sol.)

4. Ambos falados e escritos em português geralmente usam o tempo presente para expressar uma ação futura próximo do presente.

I'll talk to her tomorrow. (Falo com ela amanhã.)

O *simple present* é usado, principalmente, com o verbo *to say* ou *to tell* em citações.

Ex.: *Descartes says "I think, therefore I am."*

5. A indicação de ações consecutivas e futuras é outro uso no qual o *simple present* pode ser empregado.

Ex.: *We leave Rio at 6 p.m, then we arrive at our hometown at 9 p.m. By 9:30 p.m., we are certainly at home.* (Nós deixamos o Rio às 18h, então nós chegamos à nossa casa às 21h. Por volta de 21:30h, certamente, estamos em casa).

6. Ao dar o resumo da história, o *simple present* é usado de forma a tornar o enunciado um pouco mais dramático ou enfático.

Ex.: *She arrives home and finds out her jewels are not in the safe box.* (Ela chega à casa e descobre que suas joias não estão no cofre.)

O *simple present tense* no inglês é o tempo normal usado para uma sequência de eventos que acontecem “no momento presente”. Outro ponto de contraste relativo “*simple present*/presente do indicativo” é a formação das formas interrogativas e negativas.

No português, as perguntas são feitas, na forma escrita da língua, colocando o ponto de interrogação no final da frase e, na forma oral, por meio da entonação indagativa do locutor. Por sua vez, as frases negativas são feitas por meio do acréscimo do advérbio de negação “não” anteposto ao verbo principal. No inglês, no entanto, tais formas são elaboradas por meio da utilização dos auxiliares *do/does/don't/doesn't*.

Ex.: *Do you like pizza?* (você gosta de pizza?)

No, I don't like pizza. I prefer lasagna. (Não, eu não gosto de pizza. Eu prefiro lasanha.)

Does your mother pick you up at school? (A sua mãe te busca na escola?)

No, she doesn't pick me up at school. (Não, ela não me busca na escola.)

4.2. Present Continuous

Para indicar uma ação durativa, todos os tempos verbais em inglês têm formas contínuas. Entre elas, configura-se o *present continuous*. Formado pelo verbo *to be* no presente e o verbo principal no gerúndio, este tempo verbal possui os seguintes usos, expressando:

7. Uma ação que está em andamento no momento da enunciação.

Ex.: *I'm studying English now.* (Estou estudando inglês agora.)

- Uma ação que está em andamento no presente, não obrigatoriamente no momento da enunciação.

Ex.: *She is taking English and French lessons on Tuesdays and Thursdays.* (Ela está tendo aulas de inglês e francês nas terças e quintas-

feiras)

- Uma ação que possui seu início definido num tempo cronológico e que provavelmente é continuada.

Ex.: *At 6 p.m, I'm studying at college.* (Às 6 da tarde, eu estudo na faculdade.)

8. Uma ação que começou no passado e terminará no futuro, mas que no momento da fala está incompleta e ainda continuando.

What are you doing? I am resting in an armchair. (O que você está fazendo? Eu estou descansando numa cadeira de braços.)

9. Uma ação repetitiva que, pode ou não, desacomodar aquele que a enuncia.

Ex.: *Mary is always arriving late at our meetings.* (Maria está sempre chegando atrasada em nossas reuniões)

Quando utilizado em primeira pessoa, o *present continuous* com esta acepção caracteriza que tal ação possui caráter accidental. Diferentemente do *simple present* que, ao ser usado em primeira pessoa, pode indicar uma ação habitual e não arbitrária, como, por exemplo, em “*I wake up at 6 a.m every day*” (eu acordo às 6 da manhã todos os dias).

Ex.: *I'm always letting the lights on when I live the room.* (Eu estou sempre deixando as luzes acesas quando saio da sala.)

Uma ação futura que está fadada a acontecer. Neste uso, o tempo da ação deverá ser sempre mencionado, a fim de evitar eventuais confusões na interpretação do enunciado que poderá ser entendido como uma ação que está ocorrendo no presente e não no futuro.

Ex.: *I'm getting married in June.* (Eu estou casando em junho.)

A forma contínua de certos verbos como *to go, to come, to leave, to arrive* etc., é frequentemente usada para indicar uma ação futura. Em tal caso, o Português prefere o *simple present*.

Ex.: *I'm going to U.S. next year.* (Eu estou indo para os EUA ano que vem.)

No português, é preferível dizer “eu vou para os EUA ano que vem.

O presente contínuo pode ser usado juntamente com outra ação no

presente simples para que a narrativa possua um caráter dramático. Este uso, contudo, é raramente empregado.

Ex.: *She is walking alone on the street when the thief approaches her.* (Ela está caminhando sozinha na rua quando o ladrão a aborda.)

Um ponto importante que deveria ser enfatizado é que certos verbos em inglês (verbos de percepção, por exemplo, *to see, to hear, to smell, to taste, to feel*) não são usados nos tempos contínuos. Essa particularidade não existe no português. No entanto, em relação à língua inglesa, sempre que estes verbos são usados para expressar uma atividade ou estado que ainda continua o tempo presente simples é usado no Português ao invés do presente contínuo.

Ex: *Do you hear that noise?* (NÃO – Are you hearing that noise?)

(Você está ouvindo aquele barulho?)

Esta particularidade também se aplica a uma série de outros verbos que denotam não a ação, mas estados de espírito, sentimentos ou relacionamentos.

Ex: *I remember what you told me.* (NÃO – I'm remembering what you told me).

(Eu estou me lembrando o que você disse.)

I love him. (NÃO – I'm loving him.)

(Eu estou amando-o.)

4.3. Present Perfect

O *present perfect tense* é formado utilizando o *simple present* do verbo “*to have*” e um verbo no *past participle*. O uso do *present perfect* no português é frequentemente diferente do inglês. No português, esse tempo verbal expressa uma sequência passada da ação que está conectada ou é relevante para o presente. Reflete repetição, prolongação ou *performance* habitual estendendo para o presente.

No inglês, o presente perfeito expressa uma ação passada que é associada ou conectada para o presente. Essa ação não precisa refletir repetição, prolongação ou *performance* habitual; por essa razão, pode ser habitual ou apenas uma ação realizada perto do presente.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Quando o *simple past* (pretérito perfeito simples no português) é usado para um evento que acontece perto do presente, o inglês prefere a forma *present perfect*. De acordo com os exemplos abaixo:

Inglês:	Português:
<i>I've never come here</i>	Nunca vim aqui.
<i>Have you ever come here?</i>	Você já veio aqui?

No português geralmente usa-se o pretérito perfeito simples quando a ação é habitual e estendendo-se para o presente. Em tal caso, o Inglês prefere a forma *present perfect*. Conforme exemplos abaixo:

Inglês:	Português:
<i>I've come here four times.</i>	Vim aqui quatro vezes.

O *present perfect* adquire diferentes significados do português dependendo da situação. No entanto, quando é usado para indicar o início de uma situação, corresponde ao presente do indicativo, a fim de indicar o meio de uma situação, ou seja, sem focar no início ou no final, corresponde ao pretérito perfeito composto e finalmente para indicar o final de uma situação, corresponde ao pretérito perfeito simples. Os seguintes exemplos abaixo mostram isso:

<i>I've lived in Itaperuna for five years.</i>	Moro em Itaperuna há cinco anos.
<i>He has worked hard these days.</i>	Ele tem trabalhado muito nestes últimos dias.
<i>The train has arrived.</i>	O trem chegou.

O presente perfeito significa um grupo de componentes no passado e no presente. Quando utilizado, este tempo verbal busca uma situação decorrente no passado para o presente. De acordo com Bardovi Harlig (1997, *apud* DIAS, 2005), é neste ponto que o presente simples se diferencia do presente perfeito.

As formas verbais formadas com o auxiliar *have*, tecnicamente não se referem à categoria de tempo, mas sim de aspecto, porque estão associadas interpretação temporal que o falante faz (LEWIS, 1986).

Segundo autores como Michael Lewis (1986), Michael Swan (1995) e Marianne Celce-Murcia e Diane Larsen-Freeman (1999) a característica principal das formas perfeitas (*present*, *past* e *future perfect*) é relacionar um evento de maneira retrospectiva a algum outro ponto no tempo.

Exemplos:

Present perfect – *I've talked to her before.* (Relaciona o presente a

um evento anterior a ele).

Past perfect – *I had taken the test before you arrived in the classroom.* (Oferece um ponto de vista retrospectivo a algum ponto no passado)

Future perfect – *I'll have left the city before the party starts.* (Oferece uma visão retrospectiva a algum ponto no futuro)

O *present perfect* se compõe em inglês pelo verbo auxiliar *have* e o particípio do verbo principal.

Exemplo: *I have worked hard this week.*

Já as formas que se compõem com *have* + *past participle* consideram passado a partir do momento do enunciado.

Exemplo: *I've watched Titanic a plenty of times.*

Considera-se importante descrever alguns tipos de empregos do *present perfect* por Marianne Celce-Murcia e Diane Larsen-Freeman (1999, p. 116):

- a) Uma situação que começou num período de tempo anterior que continua no presente: *I have been married to Jake since 1999.*
- b) Uma ação que tenha ou não ocorrido num tempo anterior não especificado, mas que tenha relevância para o momento atual: *I have never traveled abroad.*
- c) Uma ação completada recentemente: *John has just spoken at the meeting.*
- d) Uma ação que começou num momento anterior e que está concluída no momento do enunciado: *Racial crimes have increased in the last ten years.*

O *present perfect* no português é denominado passado composto, pretérito perfeito composto ou pretérito composto. Em Evanildo Bechara (2015, p. 278) o pretérito perfeito foi encontrado a seguinte informação de uso no português:

- a) Para denotar repetição ou prolongação de um fato habitual.

Tenho lido bastante ultimamente.

- b) Expressando um fato consumado: Tenho dito.

Celso Cunha e Luiz Filipe Lindley Cintra (2013) apontam diferenças entre as formas simples e compostas do pretérito afirmativo:

O PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES, denotador de uma ação completamente concluída, afasta-se do presente; O PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO, expressão de fato repetido ou contínuo, aproxima-se do presente (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 443).

É importante realizar essas comparações, pois nota-se anteriormente a distinção entre *past simple* e *present perfect* no inglês, observe-se que ocorre uma situação semelhante. Dessa forma, analisamos como uma língua pode auxiliar no entendimento da outra e, assim, facilitar o aprendizado de uma língua estrangeira.

5. Considerações finais

Com este estudo constatou-se que o uso de uma língua pode influenciar no aprendizado de outra e que o estudo dos tempos em língua inglesa é um desafio para estudantes e professores brasileiros. A fim de mudar essa situação apresentou-se no artigo uma maneira de utilizar a língua materna para o auxílio do aprendizado de uma segunda língua. As análises e comparações abordadas mostraram as diferenças e similaridades que podem facilitar a compreensão dos tempos verbais, especificamente os tempos presentes, no modo indicativo e como se dá o fenômeno em ambas as línguas. Observou-se que a análise esboçada, apresenta diferenças que podem ser explicadas a respeito do contexto e uso de ambas. E, dessa maneira, foi estudado o que seria uma análise contrastiva e como se dá o conceito de tempo e aspecto. Por conseguinte, pôde ser abordado o uso dos tempos que foi analisado no artigo acima. Sendo assim, a finalidade da pesquisa tem como compreensão a língua materna e a importância de conhecer os tempos presentes do modo indicativo das línguas portuguesa e inglesa. É fundamental para que o aprendiz de uma segunda língua possa fazer um contexto de imersão e aprender num processo de intertextualização trabalhado com comparações entre um tempo verbal e outro, melhorando, assim, o emprego e uso de um modo geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Maria Luisa Ortíz. *La transferencia, la interferencia y la interlengua en la enseñanza de lenguas próximas*. Brasília: Universidade

de Brasília, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968.

_____. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete Marques; RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. (Orgs.). *Gramática do português falado*, vol. VIII: novos estudos descritivos. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 83-121.

CELCE-MURCIA, Marianne; LARSEN-FREEMAN, Diane. *The grammar book: An ESL/EFL Teacher's Course*. EUA: Heinle & Heinle Publishers, 1999.

COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luiz Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Lexikon, 2013.

CHUNG, Sandra; TIMBERLAKE, Alan. Tense, aspect and mood. In: SHOPEN, Timothy. (Org.) *Language typology and syntactic description*, vol. III: Grammatical categories and the lexicon. Cambridge: CUP, 1985.

DIAS, Mariane Schaffer. *A aprendizagem do present perfect: um olhar sobre a produção de erros*. Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Comunicação e Expressão. Mestrado em Linguística, 2005.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. *Análisis de errores e interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de português*. Londrina: UEL, 2004.

JAMES, Carl. *Errors in Language Learning and use: exploring error analysis*. New York: Longman, 1998.

LEWIS, Michael. *The English Verb: An exploration of structure and meaning*. Hove: Language Teaching Publications, 1986.

NUNAN, David. Second Language Acquisition. In: CARTER, Ronald; NUNAN, David. (Eds.). *The Cambridge Guide to Teaching English to*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Speakers of Other Languages. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney. *A concise grammar of contemporary English*. New York: Harcourt Brace Jovanovich. 1973.

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 1994.

SWAN, Michael. *Practical English Usage*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1981.